

A PERCEÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE O CURSO E O PERFIL DOS ESTUDANTES DE CONTABILIDADE: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS PERCEÇÕES E ESTEREOTIPAGEM

Renato Ferreira Leitão Azevedo
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Edgard Bruno Cornachione Júnior
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Silvia Pereira de Castro Casa Nova
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Resumo O objetivo principal deste estudo é identificar e analisar as possíveis diferenças nas percepções dos estudantes de Ciências Contábeis de uma Universidade pública brasileira e na de seus pares estudantes dos cursos de Administração, Atuária, Economia e Relações Internacionais, da mesma Universidade relacionando os resultados encontrados com os resultados de outras pesquisas constantes na revisão de estudos teóricos e empíricos desenvolvidos no exterior. A hipótese de que os estudantes de Contabilidade são estereotipados de maneira negativa em alguns aspectos pelos seus pares foi confirmada em várias características. Todavia a percepção própria dos estudantes não evidenciou diferenças significativas em relação a seus pares das universidades no exterior. O estudo identificou diferenças significativas relativamente à percepção que se tem sobre o curso de Contabilidade para os fatores relativos à ambição, propensão ao risco, independência, orientação a pessoas, nível de estudo, trabalho em equipe, flexibilidade, nível de estudo, liderança, onde para todos estes fatores a percepção externa dos pares de estudantes é significativamente mais negativa do que a percepção que os próprios estudantes de Contabilidade desenvolvem de si. No que tange à criatividade e à comunicação os resultados deste estudo não apontam diferenças significativas na comparação das percepções, contradizendo os resultados encontrados por Schlee et alii (2007) e Hunt et alii (2004). Em concordância com estes estudos os resultados evidenciados para organização e habilidade numérica não apontam diferenças nas percepções.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

Nos últimos anos o declínio no número de estudantes que escolhem o curso de contabilidade nos Estados Unidos e Canadá vem causando preocupação na classe de profissionais, fazendo com que entidades como o *Institute of Certified Public Accountants* - AICPA e o *Canadian Institute of Chartered Accountants* - CICA anunciassem campanhas para atrair novos estudantes para a profissão e trabalhassem as percepções tidas como equivocadas e estereotipadas que o público em geral forma sobre a contabilidade (HUNT, FALGIANI E INTRIERI, 2004; DIMNIK E FELTON, 2006). Hunt, Falgiani e Intrieri (2004) citam uma diminuição de 4% em 1990 para 1% em 2000, no índice de interesse dos estudantes que terminam o colégio e planejam cursar disciplinas em contabilidade nos Estados Unidos. Situação inversa ocorre no Brasil, em algumas faculdades com a FEA-USP/RP (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto), que registrou aumento de procura da ordem de 38% de 2005 para 2006, passando de 5,56 para 7,71 a relação candidato por vaga (GAZETA DE RIBEIRÃO, 2006). Na FEA-USP/SP a

relação de candidatos por vaga vinha crescendo, mas apresentou queda de 26,01% de interesse na carreira do vestibular de 2006 para 2007. Tendo os vestibulares de 2007 e o atual para 2008, apresentado um interesse inferior à maioria dos anos desde 1995. (FUVEST, 2007).

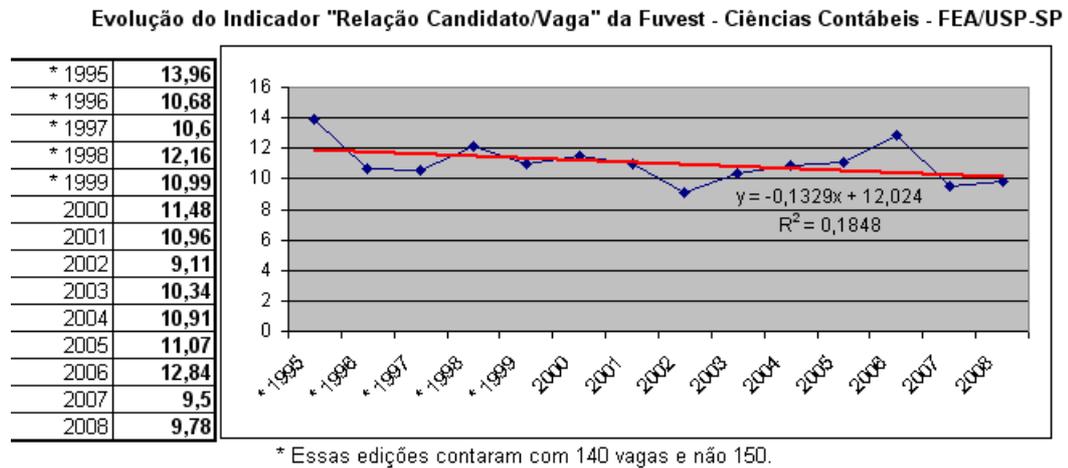


Figura 1. Elaborada pelos autores.

Na vida profissional as percepções tidas como equivocadas e estereotipadas que o público em geral forma sobre a contabilidade também preocupam. Enquanto muitos profissionais se preocupam com sua imagem pública, talvez nenhuma tenha devotado tanta atenção ao assunto nos últimos anos como a contabilidade (DIMNIK e FELTON, 2006). Por anos, os autores apontam que os profissionais das Ciências Contábeis têm agonizado com uma imagem maçante e não atrativa, estando temerosos do não recrutamento de novos interessados para a área. Ao mesmo tempo os profissionais de contabilidade são ainda forçados a defender a si próprios contra a percepção de irrelevância de seu trabalho, provando até mesmo questões de competência e integridade. (HUNT, FALGIANI E INTRIERI, 2004).

As análises de Cohen e Hanno (1993) indicam que os estudantes da área de negócios não escolheram cursar contabilidade por acreditar que esta é por demais quantitativa e tediosa. Os resultados encontrados corroboram com a idéia de que a percepção que os estudantes detêm sobre um determinado curso é fator preponderante na escolha de suas carreiras profissionais. Se esta visão for estereotipada de maneira negativa, pelos estudantes, pode-se então levar a desconsideração equivocada da realização de determinado curso e da atuação nas diversas profissões relacionadas à formação. Nesse sentido, o entendimento da percepção própria dos estudantes de contabilidade pode corroborar com o entendimento da questão mais ampla, que é a formação da percepção interna e externa ao profissional das Ciências Contábeis. De acordo com Michaels e Levas (2003) o estereótipo popular do contador junto aos estudantes de outros cursos de negócios é de ser conservador, retraído, mas consciente e com bom controle de seu comportamento pessoal. No entanto, os autores evidenciam que os alunos de contabilidade são percebidos como não preocupados com questões efetivamente sociais. Estes ainda concluíram em seus estudos comparativos entre estudantes de áreas de negócio, que os estudantes de contabilidade possuem maiores dificuldades nos trabalhos em grupos. Segundo Albrecht e Sack (2000) o número e a qualidade dos estudantes de contabilidade têm diminuído por uma série de razões, que incluem: diferenças salariais iniciais entre os cursos, onde os salários de contabilidade são percebidos como inicialmente

menores; uma desinformação ou considerada informação equivocada sobre o que é contabilidade e o que o contador faz; e maiores exigências de educação continuada pelos órgãos reguladores da profissão.

Francisco, Noland e Kelly (2003) refutaram a justificativa de salários e maior exigência de formação, mas também concluíram consideráveis diferenças de percepção entre alunos de contabilidade e outros alunos de cursos de negócios, tendo 33% dos estudantes de outros cursos percebido o curso de contabilidade como sendo um curso chato e desestimulante. Para Schlee et alii (2007) os alunos de contabilidade não são vistos como criativos, propensos ao risco, mas são vistos como os mais organizados. De modo negativo, os alunos de contabilidade e finanças tiveram os mais baixos índices de avaliação em características sociais: orientação para pessoas, flexibilidade, comunicação e trabalho em grupo.

1.2 Objetivo

O objetivo principal deste estudo é identificar e analisar as possíveis diferenças nas percepções dos estudantes de Ciências Contábeis de uma Universidade pública brasileira e na de seus pares estudantes dos cursos de Administração, Atuária, Economia e Relações Internacionais da mesma, relacionando os resultados encontrados com os resultados de outras pesquisas constantes na revisão bibliográfica e nos estudos empíricos anteriormente desenvolvidos no exterior. Traça-se, portanto, um breve panorama tomando por base a revisão bibliográfica e realiza-se um estudo empírico com base no questionário elaborado por Schlee et alii (2007), visando capturar as percepções dos grupos de estudantes de contabilidade e grupos de estudantes de outras habilitações e formações que não contabilidade.

1.3 Justificativa

Estereótipos permitem que as pessoas simplifiquem e entendam uma grande quantidade de informações sociais, permitindo que estas façam inferências sobre os outros, indo além das informações disponíveis. No entanto, estereótipos e percepções incorretas ou inapropriadas podem resultar em avaliações e expectativas inconsistentes e equivocadas (SCHLEE ET ALII, 2007), que podem ser ainda agravadas ao nível do preconceito. (CROCHÍK,1997; QUEIROZ, 1997). Muitos autores têm documentado significativas diferenças na imagem percebida por estudantes e profissionais nas áreas de negócio, no plano internacional nos últimos anos (COHEN E HANNO (1993); ALBRECH E SACK (2000); FRANCISCO, NOLAND E KELLY (2003); MICHAELS E LEVAS (2003), HUNT, FALGIANI E INTRIERI (2004); SCHLEE ET ALII, 2007), onde a imagem do estudante e profissional contábil é negativamente estereotipada. Michaels e Levas (2003) salientam que conhecer mais sobre os motivos que levam os estudantes escolherem seus cursos pode auxiliar educadores no desenvolvimento de futuras e existentes estratégias de aprendizagem. Estes citam, ainda, que um programa educacional que leva em conta as diferenças dos cursos e percepções dos alunos, trabalhando os pontos inconsistentes, pode auxiliar que os estudantes tornem-se mais bem sucedidos em suas carreiras. A existência de estereótipos baseados no curso dos estudantes tem importantes implicações na própria percepção dos estudantes (SCHLEE ET ALII, 2007). Em efeito, para os autores, nossa própria percepção reflete as percepções que temos dos outros, sendo particularmente importante também as que os outros possuem de nós. O presente trabalho se justifica pela inserção no conjunto de problemas e nos debates anteriormente expostos, levantados por pesquisadores nas últimas décadas. A motivação de melhor compreender as percepções dos alunos de uma importante universidade

pública brasileira, em particular relativas ao curso de Ciências Contábeis, e a possibilidade de estabelecer estudos comparativos futuros contribuem para a elaboração do presente trabalho. É preciso melhor entender o fenômeno da estereotipagem e os impactos negativos oriundos desta para os estudantes e, conseqüentemente, para os profissionais que as universidades estão formando, para que se possa lidar e trabalhar esses pontos tanto no âmbito pessoal, quanto nas políticas educacionais, uma vez que é de décadas sabido que os estudantes consideram os estereótipos das diversas carreiras quando a escolhem sua formação. (DECOSTER, 1971).

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Percepção, Estereótipos e Preconceito na Carreira Contábil.

Segundo Robbins (2005) a percepção pode ser definida como o processo pelo qual os indivíduos organizam e interpretam suas impressões sensoriais, com a finalidade de dar sentido ao seu ambiente. Entretanto, o que uma pessoa percebe pode ser substancialmente diferente da realidade objetiva. O mesmo autor salienta que a percepção é importante para o estudo do comportamento, pelo fato de que as pessoas se comportam baseando-se nas suas percepções da realidade e não na realidade em si. Já a estereotipagem, segundo Robbins (2005) é a utilização da percepção que temos de um grupo ou contexto, para generalizar um julgamento sobre um indivíduo. Uma das primeiras conceituações do termo estereotipagem se deve, sobretudo, aos trabalhos de Lippman (1922, p. 268 apud FERREIRA, 1993 p.43), que considerava o estereótipo como uma imagem simplificada do mundo formada a partir de generalizações, nem sempre corretas, sobre grupos ou categorias de pessoas, com o objetivo de satisfazer a necessidade de ver o mundo de modo mais compreensível do que ele realmente é. Segundo Pereira (2002), os estereótipos podem ser definidos como crenças sobre atributos de um grupo, que contém informações não apenas sobre estes atributos, como também sobre o grau que estes são compartilhados. Já Myers (2002) aponta que estereótipos são convicções sobre outro grupo, convicções que podem ser acuradas ou não e supergeneralizadas. Os estereótipos, conforme salienta Robbins (2005), são parte das simplificações naturais que os seres humanos se utilizam para realizar julgamentos. A generalização tem suas vantagens e é um meio de simplificar o mundo complexo e permitir a manutenção da coerência. Os estereótipos são características atribuídas às pessoas baseada no fato delas fazerem parte de um grupo ou de uma categoria social (OAKES, HASLAM & TURNER, 1994). Estereotipagem é o que ocorre quando o observador percebe outra pessoa de forma simplificada, enxergando-a, dentro de uma categoria social ou comportamental. (MAXIMIANO, 2004 p. 256).

Maximiano (2004, p.255) evidencia, ainda, que:

“O principal fator é incapacidade humana de aprender a totalidade de informações que os estímulos produzem. Como a percepção de outros é complexa, a simplificação é um recurso por meio do qual apenas uns poucos traços do comportamento alheio são percebidos. É a simplificação que produz a percepção seletiva e que conduz a erros no julgamento de outros”.

O perigo reside, segundo Robbins (2005), quando a estereotipagem abarca o preconceito e por serem populares, independentemente do fato de não terem qualquer traço de verdade, ou serem até mesmo irrelevantes serão comumente aceitos e farão com que cada vez

mais um número maior de pessoas tenha uma percepção errada com base em falsas premissas sobre um grupo.

Nos estudos de Albrech e Sack (2000), Cohen e Hanno (1993), Francisco, Noland e Kelly (2003), Hunt, Falgiani e Intrieri (2004), Michaels e Levas (2003), Schlee et alii (2007) são apresentados significativas diferenças na imagem percebida por estudantes e profissionais nas áreas de negócio, no plano internacional nos últimos anos, onde a imagem do estudante e profissional contábil é negativamente estereotipada, em vários aspectos como os déficits na capacidade de trabalhar em equipes, na capacidade criativa, nos valores éticos, na capacidade de liderar pessoas, dentre outras. Não se está aqui defendendo que a causa contábil seja tão particular que se descaracteriza dos demais profissionais, mas certamente, a classe contábil carrega estereótipos e preconceitos próprios que precisam ser superados ou, ao menos, por hora, postos em reflexão. A visão que muitos possuem da timidez como algo próprio dos contadores, por exemplo, é evidenciada em Kanitz (2002) que, ao explicar a tendência de se escolher carreiras por eliminação, menciona:

“Nossa tendência é sempre achar algum defeito numa idéia nova”.
“Engenheiros sujam as mãos”, **"contabilidade é para tímidos"**, "advocacia é para quem fala bem", "finanças e economia são para especuladores". Toda profissão tem seus defeitos. Se você andou escolhendo algumas profissões por exclusão, volte atrás e pense de novo”. (grifos nossos).

Ou com maiores detalhes em Marion (2003):

“Ele poderia indagar que essa profissão é uma das mais antigas que existe; poderia dizer que estereótipo da imagem desse profissional em nossa sociedade **não é o melhor possível (aparentemente não muito criativo talvez um pouco tímido e, em alguns casos extremos, até com suspeita de ausência de idoneidade profissional)**”.(grifos nossos).

Ou, ainda, em Coelho (2000):

“Essa visão equivocada de que o técnico em contabilidade de hoje é o mesmo guarda-livros de antigamente é um estereótipo criado em função da forma como os cursos profissionalizantes eram conduzidos, em que se denotava a visão de um profissional simplesmente cumpridor de dispositivos legais e sem nenhuma capacidade criativa. Isso pode ser facilmente detectado no Brasil, onde é comum encontrar estudantes que não gostam da Contabilidade nem das questões que a cercam por não verem nelas importância ou utilidade nos dias atuais”. (grifos nossos).

O profissional da Contabilidade é muitas vezes visto, ainda, como um funcionário indireto do fisco e do governo, incumbido de cálculos e preenchimento de guias e formulários, por vezes considerado um despachante de processos para repartições públicas. A visão de um profissional de nível técnico impacta a percepção que a sociedade possui dos bacharéis na área. (COELHO, 2000). Dentro da nova perspectiva para o profissional contábil e da nova tendência mundial de internacionalização de comércio, serviços e, sobretudo, mão-de-obra e tecnologia, talvez a função, e por que não dizer obrigação, desse profissional seja a

de mostrar à sociedade como um todo que essa visão era, e ainda continua sendo, uma grande injustiça praticada contra a profissão e o profissional contábil. Acredita-se que estudar a percepção dos estudantes dos cursos de Ciências Contábeis contribui para entender a visão tida do próprio profissional da área, frente aos seus pares de outros cursos. De um lado, a visão dos profissionais atuais alimenta os estereótipos da carreira que os estudantes assumem. Em outro sentido as diferenças de percepções oriundas da própria formação estudantil podem auxiliar a explicar as diferenças encontradas nos profissionais, uma vez que os estudantes são os profissionais do futuro. A confiança social em torno do profissional das Ciências Contábeis pode ter como uma das suas origens diferenças nas percepções dos próprios estudantes, conforme salienta Coelho (2000), evidenciando o desgosto desta no Brasil, de estudantes que não percebem a importância e a utilidade da contabilidade. Bosi (1992, p.112) evidencia como a confiança social faz com que opiniões pontuais sejam extrapoladas para uma amostra maior. Pode-se tomar como exemplo, o comportamento tímido e introvertido de uma parcela dos profissionais da classe contábil, que frequentemente é tomado em extrapolação, à postura da classe contábil no geral.

Ainda sobre estereotipagem (QUEIROZ, 1997, p.16):

“Conhecemos algumas pessoas, algumas coisas, alguns pedaços de paisagens, de ruas, de livros. Presenciamos alguns fatos, mas não presenciamos a maior parte dos fatos sobre os quais conversamos. Confiamos, porém, nas pessoas que viveram e presenciaram esses fatos, e o pensamento e o discurso cotidiano se alimentam dessa confiança social”.

Estereotipar não é necessariamente um ato abusivo intencional. Muitas vezes é apenas um meio de simplificar nossa visão do mundo, e todos, de uma forma ou de outra, o fazem. A maioria dos estereótipos não se baseia em experiências válidas, mas sim em boatos ou em imagens forjadas pelos meios de comunicação, ou é gerada como recurso para justificar preconceitos e crueldade. Entende-se, porém, que a estereotipagem pode ser agravada em preconceito (QUEIROZ, 1997, p.16):

“Como se pode ver, o preconceito é uma manifestação irracional, que nos envolve emocionalmente, impedindo que possamos examinar a complexidade dos fatos de forma honesta e objetiva”.

“Assim, além das idéias ou opiniões que temos a respeito daqueles indivíduos ou grupos que constituem objeto de preconceito, devemos considerar também os sentimentos associados a esses juízos, o que nos predispõe a expressar tudo isso em nosso comportamento”.

E conforme Crochík (1997):

“O antídoto ao preconceito está na possibilidade de experimentar, sem ter a necessidade de se prevenir da experiência pela ansiedade que ela acarreta, assim como na possibilidade de refletir sobre si mesmos nos juízos formados através da experiência”.

Iudícibus (2004, p.35) reconhece, de forma interessante, tal fato:

“E, de acordo com a evolução da forma organizacional e com as dimensões do empreendimento, avoluma-se e enobrece-se a função contábil. O contador torna-se também o primeiro analista das informações produzidas pelo sistema por ele montado e um dos executivos mais importantes dentro da entidade. Assim, a importância e a essencialidade da Contabilidade são incontestas para os iniciados. Mesmo assim, essa essencialidade e, por não dizer, a extraordinária beleza desta nobre e **antiga disciplina são por poucos reconhecida**, e esses poucos são, normalmente, pessoas de grande experiência e descortino”. (grifos nossos).

3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

3.1 Tipo de pesquisa

Existem diversas taxonomias de pesquisa. A utilizada neste trabalho é sugerida por Vergara (2000, p.46-50) e propõe dois critérios básicos para classificação de pesquisas: quanto aos fins de pesquisa e quanto aos meios utilizados para desenvolvê-la.

De acordo com a taxonomia sugerida, o primeiro critério classifica esta pesquisa como exploratória e descritiva. Esta classificação se justifica por ser uma sondagem sobre a percepção dos alunos de uma universidade pública brasileira, visando estabelecer correlações entre os resultados encontrados com a revisão bibliográfica levantada e os estudos empíricos já realizados por outros pesquisadores internacionalmente, particularmente com o trabalho de Schlee et alii (2007).

O segundo critério está associado aos meios de investigação, que neste caso constitui-se na elaboração de pesquisa bibliográfica e empírica, por meio de pesquisa de campo, uma vez que se recorrerá além da revisão de livros, artigos e outros materiais acessíveis ao público em geral, a aplicação de questionário de pesquisa (VERGARA, 2000, p. 48). Essa pesquisa fará uso do método estatístico e pode ser considerada como sendo uma pesquisa quantitativa exploratória, porque pretende aumentar o conhecimento existente sobre a percepção dos estudantes utilizando embasamento estatístico para o tratamento de dados em técnica de levantamento de dados.

3.2 Instrumento de pesquisa

Para mensurar a percepção própria dos estudantes de Ciências Contábeis e seus pares optou-se por recorrer a um questionário já validado na academia, até mesmo para possibilitar comparações com a literatura internacional e os resultados empíricos encontrados por outros pesquisadores. O questionário que se pretende aplicar é o apresentado por Schlee et alii (2007, p. 174-177), desenvolvido por pesquisadores da *Seattle Pacific University* e da *California State University*, nos Estados Unidos. A adoção deste instrumento justifica-se também pela contemporaneidade do estudo, o respaldo e a validação científica do periódico em que este foi publicado (*Journal of Education for Business*), das referências bibliográficas que deram suporte à criação do mesmo e o contato direto com a autora principal do artigo. Este instrumento foi aplicado em três universidades diferentes, sendo duas públicas de grande porte (*California State University – Fullerton* e *California State University – Northridge*) e uma universidade privada de menor porte (*Seattle Pacific University*). Nestas universidades

responderam 428 estudantes de áreas de negócios (*undergraduate business students*), que preencheram sobre a percepção do próprio curso e a percepção das outras habilitações na área de negócios existentes nas universidades. A amostra utilizada por Schlee et alii (2007, p.170) foi composta por 53,9% mulheres e 46,1% de homens, que foram agrupados por habilitações (*majors*), sendo estes: 12,9% de contabilidade, 0,9% de economia, 16,8% de finanças, 4,2% de sistemas de informações gerenciais, 4% de administração, 4% de negócios internacionais, 29,9% de marketing e 8,9% por outros cursos não detalhados. Contempla uma lista validada de 12 características de personalidade, comportamentos e competências utilizadas para investigar a percepção da imagem dos estudantes em cada um de seus *majors*, tendo suporte bibliográfico em estudos ligados com a imagem de estudantes de cursos das áreas de negócios. (MCPHERSON, 1999; NOEL, MICHAELS E LEVAS, 2003; HUNT, FALGIANI E INTRIERI, 2004). Para que o questionário de pesquisa pudesse ser aplicado localmente, o mesmo foi adaptado, tanto em função da tradução do inglês (idioma original do instrumento), como também, pela adequação de questões de cunho demográfico. Algumas questões foram adicionadas para melhor caracterizar o perfil dos respondentes, tais como: idade, atividade e área de ocupação, carga de trabalho e período de curso. Faz-se necessário considerar também a adequação do questionário no que tange a sua estrutura de curso. Os estudantes, no contexto das universidades pesquisadas por Schlee et alii (2007), são divididos por *majors*, ou seja, um conceito similar com habilitações de curso, que possibilitam que um estudante curse ao mesmo tempo duas distintas habilitações e tenha outro tipo de convivência com seus pares e possivelmente outra percepção. Visando adequar a estrutura à realidade brasileira adotou-se no presente estudo a utilização da estrutura de cursos. Os cursos contemplados são Administração, Atuária, Contabilidade, Economia e Relações Internacionais. A lista levantada, em tradução prévia livre, contempla: (a) criativo, (b) ambicioso, (c) propenso ao risco, (d) independente, (e) orientado a pessoas, (f) estudioso, (g) trabalha bem em equipe, (h) flexível, (i) gosta de números, (j) líder, (k) comunicativo, e (l) organizado. O questionário correlaciona essas 12 características para que cada respondente avalie o quanto estas características o descrevem e o quanto estas descrevem aos seus pares: “perfeitamente”, “de alguma forma” ou “de forma alguma”. Dado que a tradução de um termo de outro idioma, nem sempre possui um exato correspondente ou a mesma carga semântica, optou-se por acrescentar, nas questões 13, 14, 15 e 16 (6, 7, 8 e 9) (SCHLEE ET ALII, 2007) trechos explicativos, fazendo uso do termo dicionarizado (HOUAISS, 2007) apenas com verbetes contextualizados e relacionados com a área empresarial.

3.3 Teste Piloto

Em virtude das adaptações e traduções realizadas no instrumento de pesquisa optou-se por realizar uma coleta prévia, em um teste piloto, com 20 estudantes dos cinco cursos selecionados para a pesquisa. O presente teste permitiu verificar o tempo médio de resposta para o completo preenchimento do questionário de pesquisa, obtendo média e mediana de 10 minutos. Algumas questões causaram confusão no entendimento da escala utilizada, sendo dessa forma reformulado o texto explicativo e reaplicado o teste piloto. Nessa segunda coleta de teste, o questionário foi reaplicado para 10 dos 20 estudantes do primeiro teste e 10 novos para certificar-se do correto entendimento das explicações.

3.4 Estratégia de Coleta

Na estratégia de coleta utilizada empregou processo de amostragem do tipo não probabilística, pois se partiu de um universo naturalmente restrito e não totalmente aleatório, já que por limitações de recursos e prazo para execução, contemplou apenas uma universidade

pública. Isso traz algumas limitações de análise e generalização das conclusões, mas não invalida os resultados da pesquisa, visto que esta universidade é, assumidamente, representativa de boas práticas educacionais. Para reconstituir o cenário da pesquisa realizada por Schlee et alii (2007), idealiza-se como aprimoramento para pesquisas futuras a coleta em pelo menos três universidades, sendo duas públicas e uma particular.

3.5 Amostra

Considerou-se como *proxy* de tamanho, a variável “*número de estudantes*” para cada um dos cursos selecionados e utilizou-se para a composição amostral um *Effect Size* de 8 SD e um Power de 0.8, resultando, assim em um “n” mínimo de 26 estudantes por curso. Neste estudo procurou-se também manter os níveis de confiança adotados por Schlee et alii (2007), para efeitos de comparação dos resultados encontrados.

A amostra colhida para o estudo contou com 143 estudantes, distribuídos entre os cursos e instituições da seguinte maneira:

Distribuição dos Respondentes por Curso e Instituição

Curso	Frequência	Percentual
Administração	27	18,9%
Atuária	26	18,2%
Contabilidade	34	23,8%
Economia	27	18,9%
Relações Internacionais	29	20,3%
TOTAL	143	100,0%

Tabela 1. Elaborada pelos autores.

A amostra de estudantes era composta por 78 do sexo masculino (54,5%) e 65 do sexo feminino (45,5%), sendo que a média etária dos respondentes é de 22 anos. Dos 143 respondentes 59 são estudantes de período diurno (41,3%); 27 são de período vespertino (18,9%); 54 são de período noturno (37,8%). As opções “integral”, “diurno e noturno (duas graduações)” e o número de não informados foi de 3, perfazendo 0,7% cada. A grande maioria, 58,7%, dos estudantes declarou só estudar, conforme exposto:

Perfil Ocupacional dos Estudantes da Amostra

Atividade	Frequência	Percentual
Só Estuda	84	58,7%
Faz Estágio	25	17,5%
Trainee	6	4,2%
Trabalho Profissional	20	14,0%
Outras Atividades	3	2,1%
Não informado	5	3,5%
TOTAL	143	100,0%

Tabela 2. Elaborada pelos autores.

4. ANÁLISES ESTATÍSTICAS E RESULTADOS

4.1 A percepção própria dos estudantes

Para responder a pergunta: “A percepção própria difere entre os estudantes em função do curso declarado?” foi realizado o teste X^2 (Qui-Quadrado) (BUSSAB E MORETTIN, 2003). Este teste mede a probabilidade de as diferenças encontradas nos dois grupos da amostra serem devidas ao acaso, partindo do pressuposto (H_0) que, na verdade, não há diferenças entre os dois grupos na população donde provêm. Se a probabilidade da comparação for superior a um p -value de 0,05, pode-se afirmar que não há diferenças estatisticamente significativas, aceitando H_0 . Se a probabilidade for baixa (particularmente menor que 5%, ou seja, um p -value inferior a 0,05) pode-se concluir que existem diferenças significativas entre os cursos apresentados. Calculou-se, um p -value para cada uma das características, levando em conta o curso do respondente e a extensão com que as características se aplicam ao respondente em sua própria percepção (“Aplica-se perfeitamente”, “Aplica-se parcialmente” e “Não se aplica”). Para as doze características consideradas, portanto, foram aplicados os testes de X^2 (Qui-Quadrado), a fim de verificar as seguintes hipóteses:

H_0 – Não existem diferenças entre os diversos grupos de estudantes para a característica analisada.

H_1 – Existem diferenças entre os diversos grupos de estudantes para a característica analisada.

Nota-se também que o teste do Qui-quadrado tem limitações, nomeadamente, deverá ser substituído pelo Teste Exato de Fisher quando de 5% a 20% dos valores esperados nas células da tabela são inferiores a 5. Todavia, no caso do presente estudo o teste do Qui-Quadrado atende as recomendações estatísticas, sendo para efeitos deste artigo evidenciado nas tabelas os coeficientes encontrados para cada característica.¹

Para comparar os resultados encontrados na presente pesquisa com os apontados por Schlee et alii (2007) elaborou-se uma tabela evidenciando a extensão do conceito “Aplica-se perfeitamente” para cada um dos cursos selecionados, conforme segue:

Porcentagem de estudantes em seus diversos cursos que responderam que cada característica o descrevia como perfeitamente aplicável.

	Administração	Atuária	Contabilidade	Economia	Relações Internacionais	% ESPERADO	X^2
Criativo	40,7%	38,5%	23,5%	22,2%	37,9%	32,2%	0,456
Ambicioso	55,6%	46,2%	29,4%	22,2%	34,5%	37,1%	0,159
Propenso ao Risco	18,5%	23,1%	8,8%	7,4%	10,3%	13,3%	0,546
Independente	37,0%	61,5%	35,3%	18,5%	34,5%	37,1%	0,072
Orientado a pessoas	37,0%	42,3%	26,5%	36,0%	31,0%	34,0%	0,439
Estudioso	22,2%	34,6%	24,2%	22,2%	44,8%	29,6%	0,337
Trabalha em equipe	59,3%	84,6%	44,1%	40,7%	62,1%	57,3%	0,055
Flexível	37,0%	69,2%	47,1%	55,6%	44,8%	50,4%	0,498
Gosta de números	29,6%	65,4%	50,0%	29,6%	3,5%	35,7%	0,000
Líder	40,7%	53,9%	26,5%	18,5%	44,8%	36,4%	0,198
Comunicativo	44,4%	50,0%	32,4%	37,0%	44,8%	41,3%	0,362

¹ Os autores agradecem a valiosa colaboração de Mychelle Celeste Batista de Sá, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da FEA-USP, no suporte e revisão das estatísticas utilizadas neste estudo.

Organizado	33,3%	50,0%	35,3%	29,6%	48,3%	39,2%	0,322
------------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------

Tabela 3. Elaborada pelos autores.

Percebe-se pela análise que apenas a característica “Gosta de números” obteve diferença significativa ao que tange a percepção própria dos estudantes, principalmente dada à diferença na percepção dos alunos de Relações Internacionais, com 3,45% de aplicação, sendo esta uma média bem inferior aos 35,66% esperados. Para os demais cursos não é possível afirmar uma diferença significativa dos resultados, o que difere bastante dos resultados encontrados. Schlle et alii (2007) aponta uma concordância universal que os alunos de Ciências Contábeis são percebidos como mais estudiosos que outras habilitações, gostam mais de matemática e são mais organizados. Esses resultados são também consistentes com os evidenciados por Hunt et alii (2004). Todavia, na presente pesquisa empírica tais resultados não se confirmam, não existindo diferença significativa entre os cursos para as características apontadas, no que tange a percepção própria. Dessa forma, diferentemente das pesquisas realizadas nos Estados Unidos, não é possível afirmar que os estudantes brasileiros se percebem de maneira diferente, nestes critérios, para os cursos de Administração, Atuária, Contabilidade, Economia e Relações Internacionais.

Schlle et alii (2007) encontrou diferenças significativas para a percepção relativa à criatividade e a ambição. Em sua pesquisa, encontraram-se diferenças onde os estudantes de administração (*management*) e *marketing* foram apontados como mais criativos. Já no presente estudo não foi evidenciada a diferença entre os cursos, de tal forma, que não é possível afirmar uma maior percepção própria de criatividade aos alunos de Administração e tampouco de uma menor percepção própria sobre este fator pelos alunos de Ciências Contábeis, contradizendo aos resultados comumente apontados na literatura internacional. Os alunos de Contabilidade, Economia e de outros cursos com dupla habilitação nos Estados Unidos foram apontados como mais ambiciosos por Schlee et alii (2007), sendo igualmente diferente dos resultados encontrados nesta pesquisa empírica. Não obtivemos diferenças significativas entre os alunos, sendo inclusive o curso de Economia o que apresentou maior oposição ao evidenciado na literatura internacional, obtendo a menor porcentagem de ambição, 22,22% percebida.

4.2 A percepção interna e externa entre os estudantes dos diferentes cursos

Na tabela abaixo se destacam com ** os itens que apresentaram diferença significativa ao nível de $p < 0,05$ e * para $p < 0,01$ entre a percepção interna (dos alunos de Contabilidade) comparativamente com a percepção externa dos demais cursos selecionados por Schlee et alii (2007). Nesse sentido, Schlee et alii (2007) evidenciaram uma percepção significativamente inferior externamente ao estudante de Contabilidade para as características: criativo, ambicioso, propenso ao risco, independente, orientado a pessoas, trabalha bem em equipe, flexível, líder e comunicativo. Tais resultados obtidos nos Estados Unidos por Schlee et alii (2007) são também respaldados por constatações e revisões bibliográficas contidas em Hunt et alii (2004). O símbolo # evidencia quais características tiveram diferenças significativas entre a percepção interna ao grupo de Contabilidade comparativamente aos demais cursos (Administração, Atuária, Economia e Relações Internacionais), para o presente estudo.

Comparativo das percepções internas e externas sobre os estudantes de Contabilidade

Schlee et alii (2007)

Azevedo et alii (2007)

	Contabilidade	Outros	Contabilidade	Outros	prob X ²
Criativo	2,18	1,37**	2,52	2,30	0,7656
Ambicioso	4,44	3,05**	3,91	3,23 #	0,0264
Propenso ao risco	2,75	1,86**	3,24	2,59 #	0,0383
Independente	3,91	3,47 *	3,82	3,23 #	0,0008
Orientado a pessoas	3,27	1,91**	3,30	2,30 #	0,0006
Estudioso	4,28	4,26	3,94	3,30 #	0,0330
Trabalha bem em equipe	3,75	2,46**	3,52	2,98 #	0,0106
Flexível	3,29	2,20**	2,88	2,66 #	0,0302
Gosta de números	4,75	4,60	4,45	4,21	0,6644
Líder	3,76	2,43**	3,45	2,74 #	0,0166
Comunicativo	3,95	2,46**	2,70	2,68	0,5414
Organizado	4,65	4,50	4,39	4,08	0,2172

Tabela 4. Comparativo dos resultados encontrados por Schlee et alii (2007) e Azevedo et alii (2007). Adaptado pelos autores.

Em concordância com os resultados encontrados no exterior, por Schlee et alii (2007), observa-se que o estudante de Contabilidade é percebido inferiormente por seus pares no que tange a ser ambicioso, propenso ao risco, independente, orientado a pessoas, trabalhar bem em equipe, ser flexível e ser líder. Dessa forma, neste estudo também se documenta uma forte diferença entre a percepção dos estudantes de Contabilidade e da percepção externa que seus pares possuem destes. A propensão ao risco é evidenciada por Schlee et alii (2007) como negativamente percebida pelos pares de estudantes sobre os estudantes de Contabilidade e Finanças e parece, segundo a autora, estar relacionada à visão que se observa relativa ao conservadorismo de certos princípios contábeis e do maior envolvimento com riscos financeiros na prática e teoria profissional aos quais os estudantes estão submetidos.

Também em acordo com a literatura internacional está a elevada pontuação ao fator organizado para os estudantes de Contabilidade. Localmente encontrou-se uma média interna ao grupo de 4,39 e uma média externa ao grupo de 4,08, para um conceito de 0-5. Essa evidência é reportada com frequência pelos estudos de percepção tanto aos profissionais, como aos estudantes de Contabilidade, conforme Hunt et alii (2004), McPherson (1999), Noel, Michael e Levas (2003). No estudo de Schlee et alii (2007) os estudantes de Contabilidade foram apontados como os mais estudiosos de todos, com nota média de 4,28 (interna) e 4,26 (externa) de um conceito de 0-5. No entanto, observa-se o contrário na percepção dos estudantes na universidade brasileira onde os alunos de Contabilidade são percebidos externamente como menos estudiosos. Outra diferença encontrada relaciona o fator criatividade, onde não é possível afirmar diferenças significativas no presente estudo, contrariando a diferença encontrada por Schlee et alii (2007) nos Estados Unidos. Este fator pode estar relacionado principalmente com diferenças culturais entre brasileiros e estadunidenses, uma vez que vários autores apontam uma percepção fortemente divergente entre a percepção própria dos estudantes de Contabilidade comparativamente com a percepção externa sobre estes. (HUNT ET ALII, 2004; MCPHERSON, 1999; NOEL, MICHAEL E LEVAS, 2003).

A preocupação maior está segundo Ensari e Miller (2002) no preconceito que se pode ocasionar em processos de seleção e promoções profissionais, dado a negativa impressão que se observa para o relacionamento humano, a orientação a pessoas, flexibilidade, comunicação e trabalho em equipe. Apesar de não se observar diferenças significativas para comunicação e criatividade no presente estudo, todas as demais constatações confirmam os relatos sobre estereotipagem da literatura internacional. Ao contrário do evidenciado nos Estados Unidos por Hunt et alii (2004), não é possível afirmar que a diferença encontrada para o fator

liderança possa ser explicada também por uma diferença da capacidade de comunicação, dado que para este estudo não foi encontrada diferença significativa na percepção deste fator. Na tabela abaixo igualmente se destacam com ** os itens que apresentaram diferença significativa ao nível de $p < 0,05$ e * para $p < 0,01$ entre a percepção interna (dos alunos de Contabilidade) comparativamente com a percepção externa dos demais cursos selecionados por Schlee et alii (2007) e a utilização do símbolo # para evidenciar as diferenças encontradas nesta pesquisa empírica.

Comparativo das percepções internas e externas sobre a percepção em se alcançar resultados tendo cursado Contabilidade

	Schlee et alii (2007)		Azevedo et alii (2007)	
	Contabilidade	Outros	Contabilidade	Outros
Potencial de alta remuneração	4,58	4,08**	4,39	3,44 **
Posições de liderança	3,93	2,80**	4,06	2,85 **
Benefícios à sociedade	3,64	3,21*	3,59	2,65 **
Muitas oportunidades de emprego	4,29	3,98	4,50	3,62

Tabela 5. Comparativo dos resultados encontrados por Schlee et alii (2007) e Azevedo et alii (2007). Adaptado pelos autores.

No comparativo dos resultados que os estudantes percebem como possíveis de serem alcançados ao se cursar Ciências Contábeis constata-se em concordância aos evidenciados por Schlee et alii (2007) diferenças significativas no potencial percebido de alta remuneração e na percepção de alcance de posições de liderança. Em ambos fatores a diferença é percebida negativamente pelos estudantes dos outros cursos em relação à percepção própria do estudante de Contabilidade. No caso da universidade pública brasileira avaliada no presente estudo nota-se ainda uma diferença significativa ao estudo internacional, uma vez que, a percepção externa dos estudantes de outros cursos em relação aos estudantes de Ciências Contábeis é também inferior no que tange à percepção dos benefícios à sociedade gerados pelo profissional.

5. CONCLUSÕES

A existência de estereótipos e de percepções negativas baseadas nos cursos e habilitações dos estudantes tem implicações importantes para a percepção própria dos estudantes (SCHLEE ET ALII, 2007). Em conclusão o presente estudo evidencia que os estudantes não possuem significativa diferença sobre suas percepções próprias, com exceção à característica de gostar de números, onde existe diferença em função do perfil dos respondentes do curso de Relações Internacionais.

Todavia, quando o assunto é a percepção que se tem sobre o curso de Contabilidade, as diferenças são significativas para os fatores relativos a ambição, propensão ao risco, independência, orientação a pessoas, nível de estudo, trabalho em equipe, flexibilidade e liderança, onde para todos estes fatores a percepção externa dos pares de estudantes é significativamente mais negativa do que a percepção que os próprios estudantes de Contabilidade desenvolvem de si. Ao que tange a criatividade e a comunicação os resultados deste estudo não apontam diferenças significativas na comparação das percepções, contradizendo os resultados encontrados por Schlee et alii (2007) e Hunt et alii (2004). Em concordância com estes estudos os resultados evidenciados para organização e habilidade numérica não apontam diferenças nas percepções. Encontram-se diferenças na avaliação do

nível de estudo, ou seja, a percepção externa sobre os estudantes de Contabilidade como menos estudiosos, comparado com a percepção interna ao grupo, fato que contradiz a elevada média encontrada por Schlee et alii (2007) para a realidade estadunidense.

6. LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.

Este trabalho visando manter ao máximo as características do estudo realizado por Schlee et alii (2007), garantindo, dessa forma, os aspectos de comparabilidade, acaba por carregar algumas das limitações do anterior. Uma das limitações de concepção é a incomparabilidade plena das medidas utilizadas, no correlacionar dos resultados e na descrição dos resultados sobre a percepção própria versus a percepção interna e externa entre os estudantes dos diversos cursos. Isso limita a capacidade de documentar os processos de estereotipagem e preconceito, dado o fenômeno existente, na qual os estudantes tendem a aumentar positivamente as qualidades próprias percebidas em seus julgamentos, ou mesmo na tendência de atribuir maior importância qualitativa ao curso no qual o estudante se insere. Tal fenômeno ocorre independentemente da idade, situação profissional, sexo ou nível de educação segundo Chandran e Menon (2004, p. 377). Outra limitação do estudo pertence aos aspectos de aleatoriedade e amplitude dos estudantes utilizados na investigação. Embora a amostra atenda suficiente a análise estatística realizada, universidade onde se aplicou o instrumento de pesquisa está localizada no estado de São Paulo. Futuras investigações podem realizar estudos comparados com outras regiões do país ou até mesmo em outros países.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRECHT, W. S.; SACK, R. J. Accounting education: Charting the course through a perilous future. American Accounting Association. Accounting Education Series, 16, 2000.

BOSI, Ecléa. Entre a Opinião e o Estereótipo. Novos Estudos CEBRAP. São Paulo, n. 32, p.111-118, mar. 1992.

BUSSAB, W. O. ; MORETTIN, P. A. Estatística Básica. São Paulo: Ed. Saraiva, 2003

COELHO, C. U. F.. O Técnico em Contabilidade e o Mercado de Trabalho: Contexto Histórico, Situação Atual e Perspectivas. Boletim Técnico do SENAC. Vol. 26. N. 3. Set/Dez, 2000.

COHEN, Jeffrey, HANNO, Dennis M. An analysis of underlying constructs affecting the choice of accounting as a major. Issues in Accounting Education. Sarasota: Fall 1993. Vol.8, Num. 2; pg. 219

CROCHÍK, José Leon. Preconceito: Indivíduo e Cultura. 8. ed. São Paulo: Robe Editorial, 1997.

DECOSTER, D. T. Mirror, mirror on the wall, The CPA in the world of psychology. Journal of Accountancy. 1971. 132.v.2, pg.40-45.

DIMNIK, T., FELTON, S. Accountant stereotypes in movies distributed in North America in the twentieth century. Accounting, Organizations and Society, n.31, 2006.

ENSARI, N, MILLER, N. The out-group must not be so bad after all: The effects of disclosure, typicality, and salience on intergroup bias. *Journal of Personality and Social Psychology*, 2002, vol. 83, pg. 313-329.

FERREIRA, M. Estereótipo de Gênero: Estrutura Interna e Conteúdo. *ARQ. Bras. de Psicologia*. V.45, nº 112, p.43, 1993.

FRANCISCO, W.H., NOLAND, T. G., e KELLY, J.A . Why don't students major in accounting? *Southern Business Review*, 29(1), 37-40, 2003.

FUVEST. Estatísticas. Portal da Fundação Universitária para o Vestibular. Disponível em <http://www.fuvest.br/vest2008/estat/estat.stm> Acesso em 20 nov. 2007.

GAZETA DE RIBEIRÃO. Cursos da USP de Ribeirão estão entre os que têm maior procura. *Gazeta de Ribeirão*. Ribeirão Preto. 23 nov 2006. Disponível em: http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia_clipping_deege.html. Acesso em: 20 de junho 2007.

HUNT, S. C.; FALGIANI, A. A.; INTRIERI, R. C. The Nature and Origins of Students' Perceptions of Accountants. *Journal of Education for Business*, v79 n3 p142-148 Jan-Feb, 2004

IUDÍCIBUS, Sérgio de. *Teoria da Contabilidade*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

KANITZ, Stephen. Escolhendo uma profissão. *Revista Veja*, São Paulo, Edição 1781, ano 35, nº 49, 11 de dezembro de 2002.

MARION, José Carlos. Preparando-se para a Profissão do Futuro. *Portal da Classe Contábil*, 2003 Disponível em: < http://www.classecontabil.com.br/servlet_art.php?id=143&query=Preparando-se%20para%20a%20Profiss%20do%20Futuro> Acesso em 01 jun. 2007.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. *Teoria Geral da Administração: da revolução urbana à revolução digital*. 4º ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MICHAELS, N.M.N.C., LEVAS, M.G. The Relationship of Personality Traits and Self-monitoring Behavior to Choice of Business Major, *Journal of Education for Business* 78, no. 3: 153–57, 2003.

MYERS, David G. *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

QUEIROZ, Renato da Silva. *Não vi e Não gostei: o fenômeno do preconceito*. 6. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

OAKES, P. J., HASLEM, S. A. & TURNER, J. C. *Stereotyping and social reality*. Oxford: Blackwell, 1994.

PEREIRA, Marcos E. *Psicologia Social dos Estereótipos*. São Paulo: E.P.U., 2002.

SCHLEE, R; CURREN, M. HARICH, K. KIESLER, T. Perception bias among undergraduate business students by major. *Journal of Education for Business*; jan/fev, 82, 3, 2007.

ROBBINS, Stephen P. *Comportamento Organizacional*. São Paulo: Pearson, Prentice Hall, 2005.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.